

Adam Pendleton

New Works

25 maio—24 julho, 2018

Pedro Cera orgulha-se de apresentar a quarta exposição de Adam Pendleton, na sua galeria.

Adam Pendleton (n. 1984) é um artista residente em Nova Iorque, cuja obra analisa e questiona a liberdade da abstração, relativamente à linguagem, à política e à identidade. A força vital da sua obra funda-se no Black Dada [Dada Negro], um termo cunhado pelo artista, para designar uma conceptualização ampla da ideia de negritude. Ao trabalhar de vários modos e ao usar várias técnicas (incluindo pintura, colagem, vídeo e performance), o artista perturba e reconsidera noções pre-concebidas de História e cultura.

A mais recente série de pinturas de Pendleton, OK DADA OK BLACK DADA OK (2017–), é uma continuação da pesquisa que o artista tem feito da linguagem, enquanto material. As superfícies destas pinturas estão cobertas por um emaranhado de formas, semi-regulares: palavras, linhas e figuras geométricas. Com densidades variáveis, as composições em serigrafia e pintadas a spray contêm pedaços de frases escritas e sobrescrita, essencialmente indecifráveis. Uma das camadas, que contém a palavra «IF» [«SE»], repete-se em todas as peças. Outros elementos vão variando em diferentes graus. Estas telas «palimpsesticas» dão continuidade à série de pinturas Black Dada (2008–), em que Pendleton tem vindo a trabalhar, e na qual cada vez menos letras (e até, por vezes, não mais de uma única letra) vão sendo dispostas sobre as pinturas, de modo a soletrar a frase «BLACK DADA», de forma elíptica. Contrastando com a subtração radical da linguagem, nas primeiras séries, a linguagem em OK DADA OK BLACK DADA OK proliferou ao ponto de atingir a ilegibilidade, tendo criado um campo polifónico impossível de ser reduzido a um qualquer enunciado único ou dominante.

As peças em Mylar, que também estão nesta exposição, baseiam-se em colagens que incorporam materiais visuais que foram encontrados, e que têm origens variadas, além de desenhos do próprio artista. Imagens isoladas e fragmentos de páginas de livros estão cobertos de marcas, pinceladas, padrões e escrita cursiva que (tal como a escrita que surge nas pinturas) se aproxima frequentemente do abstrato. Os elementos são integrados usando uma máquina fotocopiadora, sendo depois digitalizados, aumentados e serigrafados à mão, a tinta preta, sobre o plástico transparente. Cada peça é única. Porém, muitos dos componentes são repetidos e recombinaos, ao longo da série. Tais elementos recorrentes incluem máscaras africanas, cerâmica, algumas frases («what a day was this» [«que dia foi hoje»; «if the function of writing is to “express the world”» [«se a função da escrita é “expressar o mundo”»]) e fotografias que se debruçam sobre o Modernismo em África. Em conjunto, as peças dão expressão ao estilo visual único de Pendleton e à sua capacidade para combinar referências contemporâneas e históricas discrepantes, num conjunto de obras único e complexo.

--

As obras de Adam Pendleton já foram exibidas internacionalmente em várias instituições, incluindo o Museum of Modern Art, New Museum, The Kitchen (todas em Nova Iorque), Stedelijk Museum (Amsterdão), Museum of Contemporary Art (Chicago), Whitechapel Gallery (Londres); Kunsthalle Wien (Viena); Baltimore Museum of Art; e o Museum of Contemporary Art (Cleveland). O trabalho do artista está representado em várias coleções privadas e de museus em todo o mundo, incluindo Solomon R. Guggenheim Museum, Nova Iorque; Museum of Modern Art, Nova Iorque; Studio Museum, Harlem, Nova Iorque; Museum of Contemporary Art, Chicago; Museum of Contemporary Art San Diego, San Diego; Carnegie Museum of Art, em Pittsburgh; e na da Tate Modern, em Londres.